

## Talentos que enterramos...

O novo ano pastoral iniciou no meio de um turbilhão de situações, problemas e confusões que nos deixam inquietos, algo tristes e receosos. Desde as diárias notícias sobre os casos de pedofilia, passando pelas não menos inquietantes notícias sobre o envolvimento do nosso bispo e pelos casos de paróquias que se veem sem pároco de um momento para o outro, ou as incertezas relativas à catequese e sua estrutura às Jornadas Mundiais da Juventude, terminando com o clima algo eufórico com que vivem as comunidades e as pessoas depois da pandemia.... Tudo e mais que nem aqui se aflora, tudo tem contribuído para que paire no ar um clima estranho. Alguns cruzaram já os braços e desistiram; outros clamam por um regresso ao passado e às estruturas que se viveram; poucos arriscam a dar a cara e a apresentar-se para olhar em frente. A maioria das comunidades da nossa diocese está numa espécie de gerência atrofiante e algumas arriscam mesmo a sofrer profundas mudanças nos tempos mais próximos.

O maior problema não está nas situações referidas; elas fazem parte do crescimento. A vida sempre se fez de avanços e recuos e na maioria dos casos os problemas contribuíram para maior crescimento. O problema está na impreparação talvez até inconsciência com que vamos entrando nos problemas. Não nos preparamos para o choque; não quisemos ver no tempo devido que a tempestade se aproximava; continuamos ainda a olhar para o lado, tentando contornar ou mesmo negar a avalanche que vemos aproximar-se.

Esta atitude é típica dos dolentes, dos insanos e dos tíbios. No caso em que a fé é pano de fundo, aquelas atitudes revelam imaturidade, sentimentalismo e algum beatismo com que temos assumido e vivido a fé. Sempre houve receio de trazer a racionalidade para dentro da fé; sempre se alimentou um confronto entre fé e razão que não sendo obrigatório dava jeito a alguns e parecia ser o melhor para a fé. Algumas investidas que a história não escondeu, terminaram em perseguição e por vezes afastamento dos incautos.

O mito é velho e já foi identificado. No passado quem se apresentava com um olho em terra de cegos, era rei, depois passou a ser estranho e acabou por ser expulso, porque a maioria preferia manter-se na cegueira. Assim se evitavam compromissos, responsabilidades e problemas.

Por mim prefiro ter problemas, assumir responsabilidades e continuar a avançar para a incerteza do futuro, desde que com isso eu faça render aquele melhor talento que me foi confiado para o fazer render: a razão, a inteligência e a sabedoria. Por isso em hora de incertezas, não quero fugir mas sim rogo ao senhor que distribui os talentos que me confie alguns mais para que eu os faça render.